

# Educação chega a aldeia indígena

*Índios Guaranis Mbyá são receptivos aos ensinamentos dados durante as aulas*

Marlene Prestes

Confiança, amizade e respeito, esse é o sentimento recíproco entre o professor Carlos Wanderlei Ávila e os Guaranis Mbyá. Em 1991, ele participou de um movimento por terra indígena organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina e Orionópolis. Graças à pressão dos integrantes do movimento, em 1993, a Justiça desapropriou terras no Maciambu utilizadas na plantação de maconha e coca para dar aos índios. Mas, até hoje, a Funai não regularizou nenhuma área Guarani.

Com sua atuação em defesa dos índios, Carlos conquistou o pacato povo e um sentimento de amizade nasceu. Ele foi o mestre indicado para alfabetização. No primeiro dia de aula, ganhou um colar sagrado chamado *adjatsa*. "É uma espécie de proteção", diz. Todas as manhãs ele recebe um cumprimento que diz valer por todo o dia: *aicoporã*, significa "estamos felizes com a sua presença".

**Barulho** – As aldeias localizadas às margens das rodovias federais sofrem todos os tipos de agressões. Acidentes, barulho de caminhões, além de serem alvos fáceis para todo tipo de curiosidade. Os índios que moram em locais onde o acesso é mais fácil são os mais assediados. Todos os domingos, são procurados por religiosos interessados em atraí-los para suas doutrinas. "São seguidores da igreja Universal do Reino de Deus, evangélicos e muitos outros", conta Carlos. "Eles recebem todos, mas assim que vão embora, correm para suas casas rezar", observa. Os Guaranis também têm uma casa sagrada onde fazem seus ritos religiosos.

**Resistência** – O contato com a sociedade não impediu que mantivessem a tradição religiosa, a língua e a organização social, mas os antropólogos se perguntam até quando durará essa resistência. Segundo o professor Carlos não existe registro da cultura guarani. "Eu não encontrei nada que trate sobre casamento, filhos e morte."

O povo indígena não sabe que atitude tomar diante de tantas promessas não cumpridas. Existe muitos acordos



Laureci Cordeiro/OE

*Professor Carlos Ávila conquistou a confiança da aldeia logo nos primeiros contatos e hoje a relação com os índios é de respeito, confiança e amizade*

de intenções, mas na prática nenhum funciona. Alguns acabam abandonando a vida em comunidade e passam a trabalhar como empregados, sem outra alternativa. Marcelo, 11 anos deixou a escola porque o pai se desligou da aldeia para morar e trabalhar na Praia de Fora, fazendo serviços de manutenção em uma pequena empresa.

Os Guaranis são grandes caçadores e pescadores, mas estão impedidos de desenvolver essas habilidades, por estarem dentro do Parque da Serra do Tabuleiro. A atividade agrícola também é prejudicada, embora eles tentem. Junto com os alunos, Carlos criou uma horta na parte plana, com pés de alface, cenoura e tomate. Galinhas com pintinhos andam pelo terreiro e porcos já fizeram parte da criação, mas hoje estão esquecidos. "Eles acham muito trabalhoso", conta Carlos.

## Famílias têm acesso à comunicação

"O mundo é uma aldeia global", dissertava Marshall McLuhan. E está se tornando pequeno também para os índios: o rádio e a televisão já chegaram às aldeias. No Maciambu, uma família Guarani tem um aparelho que ocupa lugar destacado na pequena casa. No final de tarde, todos se reúnem na casa de Floriano para assistir ao mundo pela tela, mostrando que o processo de aculturação está cada vez mais veloz.

Através da transmissão de jogos de futebol, eles acabaram conhecendo os times e optando por dois deles – Grêmio e Flamengo. Aprenderam a jogar e a conhecer todas as regras, inclusive já

receberam troféus de destaque nesse esporte.

**Escola** – Dominar cada vez mais as técnicas comuns entre outros povos e ainda aperfeiçoar o aprendizado da língua portuguesa são metas dos Mbyá. Os planos dos alunos indígenas e de seu professor, Carlos Wanderlei Ávila, são montar um pequeno jornal com a finalidade de troca de informações entre as duas aldeias Guaranis – do Morro dos Cavalos com a do Maciambu.

**Sabedoria** – Mas há certos costumes e conhecimentos que nem a aculturação conseguiu apagar. Mário, um índio de 60 anos, foi picado por uma

jararaca enquanto lidava com a terra. Não precisou recorrer ao médico. Tirou o miolo da cobra, fez um emplastro e colocou na mordida. No mato, ele pegou uma erva, mastigou e colocou na perna. Em poucos dias, estava completamente curado.

Ao entrar em uma aldeia logo se percebe o contraste entre as casas doadas pelo governo – de madeira – e as construídas pelos nativos – de barro entremeado por taquara e cobertas de folhas de bambu. Entrar em uma casa indígena não é para qualquer um. Só são convidadas as pessoas com quem a família mantém estreitas relações. (MP)

## Local é ruim para plantio

Os Guaranis são grandes agricultores, mas as condições geográficas em que vivem os Mbyá não são favoráveis à plantação. O próprio nome do local, Morro dos Cavalos, diz tudo. No solo íngreme do Maciambu os índios arriscam algumas culturas – milho, abóbora, batata-doce, aipim. Mas a produção é inexpressiva, por causa das frequentes erosões. "Eles poderiam produzir mais se morassem numa terra plana", observa Carlos.

Para discutir as questões indígenas foi criada uma comissão, através do Conselho Intermunicipal para Implantação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. A questão mais importante para os nativos está sendo estudada pela Fatma (Fundação do Meio Ambiente), Funai, UFSC, prefeitura de Palhoça e associações comunitárias. "Nós estamos buscando uma área onde os índios possam plantar e desenvolver suas habilidades", diz o presidente do conselho, José Saito. O local ainda não foi identificado. Inicialmente o município de Paulo Lopes poderia ser o substituto, mas as áreas encontradas são de proprietários particulares. "Precisamos encontrar uma área de propriedade do estado ou do município", destaca Saito.

**Duplicação** – Para diminuir os efeitos da rodovia sobre os índios foi assinado um acordo entre o DNER e a Funai. Em Biguaçu, Araquari, Garuva e Rio Bonito serão construídas passarelas subterrâneas para atravessar a BR-101 que corta as aldeias. Os Guaranis Mbyá, em Biguaçu vão receber oito casas de alvenaria. Também será construída ao largo da rodovia uma sala para venda de artesanato. Um acerto com a concessionária também permitirá o passe livre nos ônibus – de Florianópolis para Curitiba e vice-versa.

Para o Morro dos Cavalos e Maciambu também deverão ser acertadas ações mitigadoras. Como a duplicação no lado Sul ainda não iniciou é necessário que o consórcio vencedor da licitação faça um estudo de impacto ambiental. Os técnicos do DNER preferem não apontar que obras seriam desenvolvidas no local. Mas se cogita até a construção de um túnel se os índios forem mantidos na área. (MP)